

Em nosso estudo, destacaremos as críticas realizadas por Paulo Freire que serviram ao contexto em que viveu e que atuou nas situações educacionais, mas que certamente são ainda atuais e servem ao contexto em que vivemos. O autor apresentou, dentre outras, críticas ao modo opressor, autoritário e limitante que a educação se desenvolveu, onde os alunos ficavam aprisionados ao fazer docente e ao conteúdo que deveria ser meramente transmitido/depositado aos/nos mesmos. Era assim, uma educação opressora, limitadora e descontextualizada. Todavia, o autor foi além da crítica e possibilitou a construção de métodos de ensino onde a liberdade e a democracia se fizeram presentes.

Reforçamos a atualidade das ideias de Paulo Freire, bem como, a necessidade de que as mesmas se façam presentes nos contextos educacionais atuais de modo a construir práticas significativas, críticas, reflexivas, dialógicas e efetivas, assim como, libertárias. Para tanto, é necessário que o fazer docente se distancie do conteúdo, não para dispensá-lo, mas para compreendê-lo como integrante de um processo maior, mais complexo, visualizando junto a ele a realidade cultural e social dos alunos, as possibilidades didáticas, os objetivos contidos no ensino do mesmo, entre outros.

Desse modo, embora as ideias e práticas Freirianas tenham sido desenvolvidas pensando predominantemente as situações de alfabetização, as mesmas foram e são aplicadas em outros contextos. Em nosso estudo, aproximaremos as mesmas do contexto da Educação Física de modo a contribuir com o desenvolvimento e aprimoramento de práticas docentes que sejam libertadoras, críticas e autônomas tanto ao docente quanto aos discentes participantes do processo de ensino-aprendizagem.

Nesse trabalho, objetivamos analisar como as ideias desenvolvidas por Paulo Freire sobre o ensino enquanto prática de liberdade podem ser aplicadas dentro do contexto pedagógico de atuação dos professores de Educação Física.

As discussões aqui apresentadas se desenvolvem a partir de uma revisão bibliográfica em algumas das obras de Paulo Freire (1967, 1987, 1992, 1996), bem como, estabelece diálogo com uma experiência realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, *Campus Caicó*, na disciplina de Educação Física com turmas de primeiro ano dos cursos técnicos integrados de Vestuário, Informática, Têxtil e Eletrotécnica, a partir da produção de curtas sobre o tema “o corpo humano em movimento”.

PAULO FREIRE E AS PRÁTICAS DE LIBERDADE

“Educação como prática de liberdade” (FREIRE, 1967), compartilha experiências do autor no processo de alfabetização de sujeitos periféricos da realidade brasileira. Nas situações descritas, apresenta a necessidade de que os atos educativos se façam como possibilidades de libertação dos sujeitos de um processo de opressão realizada pelas elites brasileira. Todavia, destaca que, para que essa libertação aconteça é necessário que as práticas pedagógicas oportunizem primeiramente uma leitura da realidade social e cultural em que os alunos estão inseridos para posteriormente realizar um planejamento a partir dessas informações que permita desenvolver práticas pedagógicas significativas aos sujeitos envolvidos.

O autor entende que a liberdade só será possível a partir do desenvolvimento de práticas autônomas onde os alunos sejam vistos como participantes ativos desse processo. Apresenta a crítica ao que chamou de educação bancária, situação onde o aluno é meramente um receptor de informações que são transmitidas, ou melhor, depositadas, sem possibilidades de interferência do mesmo nesse processo. Defende então a partir das realidades constatadas que a transformação só será possível mediante o diálogo entre os saberes docentes e os saberes discentes, e vice-versa (FREIRE, 1987).

Para Paulo Freire (1996, p. 9), “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas”. De modo semelhante aponta que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 12). Nesse processo é necessário reconhecer que professor e aluno contribuem, visto que, um não existe sem o outro. Nessa relação de interdependência “quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma



ao ser formado”. Complementando o entendimento, afirma que “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem a condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 12).

Para Paulo Freire (1996), a prática docente no ensino deve ser permeada de algumas exigências, são elas: a consciência do inacabamento; o reconhecimento de ser condicionada; respeito a autonomia do ser do educando; bom senso; humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores; apreensão da realidade; alegria e esperança; convicção de que a mudança é possível; curiosidade; segurança, competência profissional e generosidade; comprometimento; compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; liberdade e autoridade; tomada consciente de decisão; saber escutar; reconhecer que a educação é ideológica; disponibilidade para o diálogo; e, querer bem aos educandos.

Ensinar, exige também, o rigor metodológico no fazer docente; a necessidade de estudo e pesquisa por parte de docentes e discentes; respeito aos saberes dos educandos; criticidade ao processo e aos saberes; estética e ética; a corporeificação das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre a prática; o reconhecimento e assunção da identidade cultural (FREIRE, 1996).

Ensinar é portanto um ato de esperança, esperança que se faz na prática e não na pura espera. “A esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica, é por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura” (FREIRE, 1992, p. 5).

A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS PRÁTICAS

Utilizamos assim, o título do livro como uma possibilidade para pensar também a Educação Física, visto que, muitas das ideias de Freire podem seguramente contribuir nas situações de ensino-aprendizagem da área, respeitando, obviamente, as particularidades da mesma. Todavia, assim como sugere o título, buscamos em nossas práticas possibilitar o desenvolvimento autônomo e crítico dos alunos que contribua para o desenvolvimento pleno de sua liberdade.

É preciso deixar claro que a liberdade aqui apresentada não é absoluta, mas se faz continuamente ao buscar-se liberto. Além disso, deixamos registrado que a liberdade apresentada está atrelada ao respeito. Respeito ao papel do professor, da escola, da família e de tantas outras estruturas sociais, que são reconhecidas como importantes aos sujeitos e ao processo educativo em que estão inseridos.

Compartilhamos então um momento em que motivados pelo entendimento de Paulo Freire nos desafiamos a possibilitar aos alunos o desenvolvimento da autonomia, criticidade e liberdade. Conforme já anunciamos e fazemos questão de reforçar, autonomia e liberdade estão atreladas ao contexto formativo e aos objetivos estabelecidos para o mesmo, portanto elas são parcialmente mediadas pelo professor.

Todavia, diante as experiências com a disciplina de Educação Física no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, *Campus* Caicó, ao trabalharmos a cultura de movimento compreendida como o conjunto de saberes, linguagens e práticas dos sujeitos atreladas as diferentes realidades culturais em que se inserem e com possibilidades diversas de expressão e produção de sentidos, propusemos a realização de um festival de vídeos de curta duração sobre o tema: O corpo humano em movimento. A atividade foi realizada em cinco turmas de primeiro ano do Ensino Médio, com média de 40 alunos em cada, sendo essas pertencentes aos cursos técnicos integrados de Informática (duas turmas), Vestuário, Têxtil e Eletrotécnica.

Na confecção dos curtas, os alunos foram orientados a construir os vídeos a partir da articulação em grupos de 5 componentes, escolhido por eles. Além disso, foi entregue um roteiro de orientação a construção com cuidados que deveriam serem tomados no que diz respeito principalmente a coleta de imagens e a edição dos vídeos. Expusemos que cada grupo poderia explorar o tema sugerido de diferentes modos, incentivando-os a dialogar com acontecimentos e práticas presentes nas suas realidades.



No dia da entrega do roteiro fizemos a leitura do mesmo e esclarecemos as dúvidas dos grupos, além disso, fizemos a exposição de alguns vídeos produzidos no ano anterior como meio de tornar mais claro as informações que estavam em discussão. Feito isso, nos colocamos a disposição de esclarecer outras dúvidas e os alunos foram a campo construir roteiro, coletar informações e imagens, e, editar os vídeos.

O último momento da atividade foi a apresentação dos vídeos. Nessa situação, encontramos produções que abordaram o tema de diferentes modos, dentre eles: assuntos relacionados ao espaço esportivo; as mudanças nos jogos e brincadeiras de crianças; os malefícios do sedentarismo; as tecnologias e jogos eletrônicos na vida de jovens; as possibilidades do corpo na dança; o movimento em situações do cotidiano; o movimento no mundo do trabalho; o movimento na vida vocacional, entre outros.

Diante as apresentações, ficou evidente que a maior parte dos alunos optaram por dialogar em seus curtas sobre temas que vivenciam. Além disso, fica explícito que a linguagem adotada especialmente a partir de memes, vídeos famosos nas redes sociais, séries e filmes, mostra muito do universo em que os alunos transitam. Por fim, ao possibilitarmos um diálogo sobre as produções, evidenciamos as inquietudes e as dificuldades do processo de construção, bem como, os benefícios na utilização de metodologia de ensino e avaliação desse tipo no contexto da Educação Física escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência realizada oportunizou o diálogo na construção coletiva, fato que, contribuiu na formação de sujeitos e contextos de ensino democráticos. A mesma, também possibilitou aos alunos perceberem o mundo em que vivem como um exercício crítico, especialmente no que diz respeito ao corpo em movimento, bem como, aproximar o uso das tecnologias que os cercam como possibilidades de construção de saberes no ambiente escolar.

Assim, a Educação Física como prática de liberdade, deverá ser aquela desenvolvida a partir de inúmeras possibilidades pedagógicas que reconheçam os saberes dos alunos, permitam a sua atuação autônoma, construa situações de diálogo e permita a leitura do universo em que estão inseridos, reconhecendo também, que enquanto disciplina presente no ambiente escolar deve estar articulada aos demais objetivos estabelecidos para essa realidade.



EDUCATION (PHYSICS) AS A PRACTICE OF FREEDOM

ABSTRACT

We aim to analyze how the ideas developed by Paulo Freire about teaching as a practice of freedom can be applied within the pedagogical context of Physical Education teachers' performance. For that, we used a bibliographical review of some of Paulo Freire's works (1967, 1987, 1992, 1996), as well as an experience at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Norte - IFRN, Campus Caicó, in the discipline of Physical Education.

KEYWORDS: *Paulo Freire; Physical Education; Freedom.*

EDUCACIÓN (FÍSICA) COMO PRÁCTICA DE LIBERTAD

RESUMEN

Objetivamos analizar cómo las ideas desarrolladas por Paulo Freire sobre la enseñanza como práctica de libertad pueden ser aplicadas dentro del contexto pedagógico de actuación de los profesores de Educación Física. Para ello, utilizamos una revisión bibliográfica en algunas de las obras de Paulo Freire (1967, 1987, 1992, 1996), así como, de una experiencia en el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Rio Grande do Norte - IFRN, Campus Caicó, en la asignatura de Educación Física.

PALABRAS CLAVES: *Paulo Freire; Educación Física; Libertad.*

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1967.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25ª ed. Rio de Janeiro: 1996.

_____. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

